



Breve caracterização de antropônimos em uso em Olindina/BA: análise de um livro de batismo do século XX

Brief characterization of anthroponyms in use in Olindina/BA: analysis of a 20th century baptismal book

Filipe dos Santos Batista¹
Natal Almeida Simões Neto²

RESUMO: Este artigo é o recorte de uma dissertação defendida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Estadual de Feira de Santana (Batista, 2023). Inserido no campo da Antroponomástica, este trabalho adota um viés histórico, com o intuito de compreender o caráter do léxico antroponímico da cidade de Olindina, situada no interior da Bahia, tomando como base dados coletados em um livro de batismo preenchido entre 1969 e 1973. O documento está localizado no acervo da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, da referida cidade. A pesquisa visa a responder à seguinte pergunta: a antroponímia usada em Olindina/BA, entre 1969 e 1973, apresenta caráter mais inovador ou mais tradicional? Para responder tal questão, o aporte teórico reúne estudos da Lexicologia Geral, da Onomástica e da Antroponomástica. O artigo apresenta a análise de 100 prenomes presentes no referido Livro de Batismo. A metodologia empregada é fundamentalmente qualitativa, mas há uso de quantificação no tratamento dos dados. Os resultados apontam uma antroponímia predominantemente tradicional, mas a diferença numérica entre nomes tradicionais e inovadores no documento analisado não é expressiva.

57

Palavras-chave: Antroponomástica; Olindina; Livro de batismo.

ABSTRACT: This article is an excerpt from a dissertation defended within the scope of the Graduate Program in Linguistic Studies at the State University of Feira de Santana (Batista, 2023). Situated within the field of Anthroponomastics, this work adopts a historical approach with the aim of understanding the nature of the anthroponymic lexicon of the city of Olindina, located in the interior of Bahia, based on data collected from a baptismal book filled out between 1969 and 1973. The document is housed in the collection of the Parish of Our Lady of Conception in the aforementioned city. The research aims to answer the following question: does the anthroponymy used in Olindina/BA between 1969 and 1973 present a more innovative or more traditional character? To answer this question, the theoretical framework brings together studies from General Lexicology, Onomastics, and Anthroponomastics. The article presents the analysis of 100 first names found in the referred Baptismal Book. The methodology employed is fundamentally qualitative, but quantification is used in the data treatment. The results point to a predominantly traditional anthroponymy, but the numerical difference between traditional and innovative names in the analyzed document was not significant.

Keywords Anthroponomastics; Olindina; Baptismal book.

¹ Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana (com Bolsa CAPES). Universidade Estadual de Feira de Santana. lipheletras@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1970-4898>.

² Doutor em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia. Universidade Estadual de Feira de Santana; Universidade Federal da Bahia. nasneto@uefs.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7972-2396>.



Introdução

É comum e salutar em todo campo científico a existência de teorizações acerca do objeto de investigação e de discussões acerca de um método consistente para o seu estudo. Isso não é diferente com o léxico, que, segundo Orsi (2012), pode ser entendido como um acervo de palavras de um grupo sociolinguístico e cultural. Esse acervo tende a contemplar as necessidades comunicacionais do grupo que o utiliza. Dessa forma, o estudo do léxico de uma comunidade oferece possibilidades de compreensão sobre aspectos sociais e estruturais das línguas

Oliveira e Isquierdo (2001, p. 9) afirmam que: “[o] léxico é o saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua”. Para Biderman (2001),

o léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos, indefinidos e abrangentes para todo o universo conceitual de uma determinada língua. Acrescenta que qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades (Biderman, 2001, p. 203).

Abbate (2006, p. 213) ressalta que “[...] estudar o léxico de uma língua é enveredar pela história, costumes, hábitos e estrutura de um povo, partindo-se de suas lexias. É mergulhar na vida de um povo em um determinado período da história, [...]”. O léxico é um sistema aberto e dinâmico. A todo momento, novas criações são a ele incorporadas, enriquecendo-o e expandindo-o. Os estudos do léxico se dividem em três grandes ramos, a saber: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. “Embora complementares entre si, essas áreas possuem objeto de estudo, metodologia e pressupostos teóricos distintos” (Oliveira; Isquierdo, 2001, p. 9).

Sobre a Lexicologia, Dubois *et al* (1973, p. 25) afirmam que essa disciplina visa “[...] o estudo científico do vocabulário”. A Lexicologia é uma disciplina antiga que se volta à análise das palavras e a estruturação do léxico das línguas. No âmbito da Lexicologia, há diversos ramos, como a Morfologia, a Semântica Lexical, a Etimologia, a Neologia, a Fraseologia, a Paremiologia, a Onomástica, entre outras. Essa divisão, no entanto, não é um consenso, uma vez que autores divergem se essa ou aquela disciplina é um ramo da Lexicologia.

Este artigo se insere no âmbito da Onomástica, o ramo da Lexicologia que se ocupa do estudo dos nomes próprios. De forma mais precisa, o trabalho se insere no campo da Antroponomástica, que se volta aos nomes de pessoas (antropônimos), em uma perspectiva histórica. O objetivo é avaliar o caráter (inovador ou tradicional) do léxico antroponímico da



cidade de Olindina, situada no interior da Bahia, tomando como base 100 prenomes coletados em um livro de batismo preenchido entre 1969 e 1973. O documento está localizado no acervo da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, da referida cidade.

Para atender o objetivo apontado, este artigo, além desta introdução, apresenta duas seções de fundamentação teórica – sobre Onomástica e Antroponomástica –, uma de aspectos metodológicos, outra com o quadro de análise. Por último, há as seções de considerações finais e referências.

Palavras sobre Onomástica: a ciência dos nomes próprios

O ato de nomear é uma ação essencial para a vida humana. Desde os tempos bíblicos, fala-se na necessidade de o homem atribuir nomes às coisas e às pessoas e, assim, o fez. De acordo com Ullmann (1964, p. 49), “[o]s nomes desempenham nas relações humanas um papel tão importante que são frequentemente dotados de poderes mágicos e rodeados de complicadas superstições e tabus”. Desse modo, é possível presumir que o ato de nomear está diretamente relacionado à cultura de um povo, expressando o modo de ver e se situar no mundo, ou seja, não é uma ação realizada ao acaso.

Carvalhinhos e Antunes (2007, p. 109), ao apresentarem os princípios teóricos da Toponímia e da Antroponímia, subdisciplinas da Onomástica, ressaltam, sobre a questão do nome próprio, que, “[...] desde que nascemos, somos engolfados e submergidos em uma cultura e, também o nome, como fruto dessa cultura, pelo menos na sociedade nos acompanha desde o nascimento [...]” (Carvalhinhos; Antunes, 2007, p. 109). Ainda segundo as autoras, por ser uma ação considerada “natural”, raramente, as pessoas são levadas a refletir sobre os nomes de uma maneira geral. Carvalhinhos e Antunes (2007) frisam que foram os filósofos gregos os primeiros a levantarem questionamentos sobre os nomes e as relações com os seres por eles designados.

Mesmo sendo um debate antiquíssimo, somente entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, surge uma disciplina específica para os estudos dos nomes de pessoas, com aplicação para a língua portuguesa. De maneira mais precisa, em 1928, o linguista e filólogo português José Leite de Vasconcelos, em sua obra, hoje, clássica, intitulada *Antroponímia Portuguesa*, apresenta as bases de uma disciplina científica cujo objeto de interesse serão os nomes próprios: a Onomástica ou Onomatologia. Nas palavras do autor:



Temos [...] muitas espécies de nomes próprios. A secção da Glotologia que trata deles (origem, razão de emprego, forma, evolução, etc.), convieram os filólogos em a designar por Onomatologia, que, de acordo com aquelas espécies, deverá decompor-se em três disciplinas secundaristas:

- 1) Estudos de nomes locais, ou Toponímia, na qual se inclui igualmente o elemento líquido (rios, lagos, etc.), e outros produtos da natureza, como árvores, penedos, que dão frequentemente nomes a sítios (a Toponímia é, pois, Onomatologia geográfica).
- 2) Estudo dos nomes de pessoas, ou Antroponímia, expressão que o autor pela primeira vez propôs e empregou em 1887, na Revista Lusitana, I, 45.
- 3) Estudo de vários outros nomes próprios, isto é, de astros, ventos, animais, seres sobrenaturais, navios, coisas: Panteonímia (Vasconcelos, 1928, p. 2).

A partir de então, o nome próprio passa a ser investigado com rigor científico e contribuindo não só para os estudos em Linguística, mas também para estudos de áreas diversas, como a História, Etnografia, Sociologia etc. A esse respeito, Dargel e Souza (2017, p. 13) salientam que “[o]s nomes próprios têm significações que refletem, entre outros aspectos, para além das características linguísticas, a história, a cultura e a religiosidade de uma dada comunidade”. Portanto, fica evidente a interdisciplinaridade que a Onomástica, enquanto disciplina que estuda os nomes próprios, oferece ao pesquisador interessado nos estudos dos nomes próprios onomásticos.

Por fim, é necessário salientar que, embora Vasconcelos (1928) use tanto *Onomástica* quanto *Onomatologia*, para se referir à grande área de estudos dos nomes próprios, neste trabalho, utiliza-se somente Onomástica para se referir à área da Linguística que estuda os nomes próprios, estando, assim, de acordo com a terminologia que atualmente é usada nos estudos feitos no Brasil.

Palavras sobre Antroponímia ou Antroponomástica

Como dito, é o filólogo português José Leite de Vasconcelos, no final do século XIX, o primeiro autor a usar expressão *Antroponímia* na língua portuguesa, conceituando-a como o “[e]studo dos nomes de pessoas [...]” (Vasconcelos, 1928, p. 2). Dessa maneira, estabelece a disciplina, dando-lhe uma feição e científica e situando o seu objeto de investigação, a saber: os nomes de pessoas. Embora Toponímia e Antroponímia façam parte da macroárea Onomástica, ambas apresentam campos teórico-metodológicos distintos, além de objetos diferentes. A esse respeito, Dick (1990b, p. 178) ressalta que “[a]s diferenças genéricas que caracterizam o campo



de estudos específicos aos dois ramos da Onomástica [...] não impedem a aproximação, em termos funcionais, dos respectivos objetos de pesquisa”.

Cabe mencionar que autores, como Seide (2013) e Amaral e Seide (2020), têm feito uma distinção entre Antroponímia/Toponímia e Antroponomástica/Toponomástica. No entendimento desses autores, apoiados em uma convenção internacional da área de estudo, Antroponímia e Toponímia se referem aos objetos de estudos, os repertórios de nomes próprios, sejam de pessoas (antropônimos), sejam de lugares (topônimos). A Antroponomástica e a Toponomástica, por outro lado, são as disciplinas que investigam esses repertórios lexicais.

Apesar de o conceito de Antroponímia ter sido proposto ainda no fim do século XIX, é necessário frisar que Vasconcelos (1928, p. 5) evidencia, em sua obra, que se ocupa da Antroponímia de Portugal, desde a idade-média até o momento da publicação, tecendo apenas breves considerações sobre os antropônimos brasileiros. No Brasil, os estudos antroponímicos, apesar de antigos, ainda se encontram em consolidação. Isso pode ser notado através da comparação entre o amplo acervo de material teórico, projetos e estudos já realizados e em realização no âmbito da Toponímia com a relativamente baixa quantidade de materiais dedicados exclusivamente à Antroponímia em território nacional.

Na coletânea de estudos onomásticos publicada por Dick (1990a), ao falar dos aspectos funcionais da Antroponímia, a autora chama atenção sobre a falta de bibliografia especializada no tema em território nacional e, em seguida, menciona o *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*, elaborado em 1973 pelo professor Rosário Farâni Mansur Guérios, da Universidade do Paraná, como sendo, talvez, o primeiro a tratar da Antroponímia no Brasil. Em seguida, a autora apresenta, de maneira minuciosa, uma revisão da bibliografia disponível, em sua maioria referente à Antroponímia estrangeira, a fim de melhor compreender e apresentar caminhos que pudessem contribuir para futuros projetos e pesquisas que se interessassem pelo léxico antroponímico brasileiro e suas especificidades.

Nesse contexto, em que se trata dos estudos antroponímicos/antroponomásticos no Brasil, é necessário destacar que estudos recentes têm demonstrado que o sistema de nomeação brasileiro tem apresentado uma maior liberdade e criatividade na escolha dos antropônimos. Soledade (2019), em artigo intitulado *Origens e estruturação histórica do léxico antroponímico do português brasileiro*, apresenta uma minuciosa análise da gênese do léxico antroponímico brasileiro, considerando os contatos linguísticos havidos na Península Ibérica, em vista à constituição da língua portuguesa, e no Brasil, em vista à formação do português



brasileiro. A criatividade antroponímica no português brasileiro é contemplada no que Soledade (2019) chama de brasileirismos. Sobre isso, afirma:

A antroponímia brasileira, desde as primeiras décadas do século XX vem se enriquecendo com inúmeras contribuições fruto da criatividade lexical produzidas no vernáculo [...] e que o fenômeno da produção de brasileirismo na antroponímia começa a se generalizar no segundo quartel do século XX (Soledade, 2019, p. 441-442).

O caráter inovador e multilinguístico da antroponímia brasileira é, certamente, o fator motivador para a gama de estudos que têm despontado nas últimas décadas. Assim, atualmente, é possível notar um grande avanço no cenário das pesquisas antroponímicas no Brasil, pois estudiosos de diversas correntes teóricas têm, cada vez mais, tomado o nome próprio de pessoa como objeto de suas pesquisas, com objetivos e métodos de análises distintos, explicitando, assim, o caráter multidisciplinar dos estudos onomásticos.

Como exemplo disso, podem ser citadas as pesquisas realizadas por Simões Neto e Soledade (2018), Soledade e Simões Neto (2020), Lopes e Soledade (2018) e Soledade, Rodrigues e Simões Neto (2021) em que os autores analisam os antropônimos a partir de uma perspectiva morfológica e sócio-histórica. Dentro dessa perspectiva, cabe mencionar o *Projeto Novo Dicionário de Nomes em Uso no Brasil*, coordenado pela Professora Doutora Juliana Soledade (UFBA/UnB), de caráter interinstitucional e que, nas palavras das autoras “[...] visa dar conta de uma lacuna acerca da onomástica brasileira [...]” (Soledade; Vieira, 2017, p. 1). Merecem também destaque as pesquisas que vêm sendo desenvolvidas a partir de um viés socionomástico, investigando como se dá a variação e a mudança dos nomes próprios de pessoa e as diferentes categorias tipológicas que os antropônimos apresentam nas esferas sociais. Dentro dessa perspectiva, há os trabalhos de Amaral (2011), Seide (2013), Frai (2016) e Amaral e Seide (2020).

Em suma, é possível notar um avanço nos estudos de Antroponímia/Antroponomástica no/do Brasil, pois, atualmente, dispõe-se de uma bibliografia significativa e de métodos de análises próprios, consolidados a partir das pesquisas já realizadas. Por outro lado, muito ainda tem a ser feito e investigado, porém a semente foi plantada.



Aspectos metodológicos da pesquisa

A proposta desenvolvida neste artigo pretende contribuir com o Projeto *Novo Dicionário de Nomes em Uso no Brasil*, coordenado por Juliana Soledade (UFBA/UnB), discutindo questões relacionadas à inovação antroponímica no território brasileiro. Diante disso, opta-se por seguir os parâmetros metodológicos usados na elaboração do *Dicionário*, adequando, quando necessário, ao cenário e objetivos por nós levantados. A pesquisa apresenta uma dupla caracterização: quantitativa, porque é composta por amostras de dados de prenomes de pessoas, os quais serão quantificados através de porcentagens simples, qualitativa, através da caracterização dos antropônimos encontrados como tradicionais ou inovadores. Entende-se aqui por tradicional “todos os prenomes constantes em Nascentes (1952), Machado (2003) e Guérios (1973), e que [...] se façam presentes na Bíblia e figurem nos dados da plataforma Nomes no Brasil produzida a partir do Censo IBGE 2010” (Soledade; Vieira, 2017, p. 5). De outro lado, serão considerados inovadores os prenomes que não se enquadrem nos critérios apresentados acima.

É válido mencionar ainda que, devido ao recorte metodológico desta pesquisa e por estar sendo tomada como base a metodologia do Dicionário de Nomes do Brasil, a dissertação só abordará a categoria de prenome, que, segundo Amaral (2011), engloba o primeiro nome do registro civil, podendo ser prenomes simples ou compostos (duplos, triplos etc.). Sobre o prenome, Amaral e Seide (2020, p. 45) dizem que se trata do “[...] primeiro nome de uma pessoa, aquele pelo qual os pais querem que ela seja chamada e identificada no grupo social do qual faz parte”.

Para a coleta de dados, foi usado o Livro 1 de Batismo da Paróquia da Nossa Senhora da Conceição, da cidade de Olindina/BA. Os nomes foram registrados nesse livro, entre os anos de 1969 e 1973. Recolhidos os prenomes no livro citado, o primeiro procedimento metodológico é a quantificação, para verificar as repetições e as homonímias no *corpus*. Por homonímia, entendem-se os casos em que pessoas diferentes possuem um mesmo prenome. Chama-se repetição os casos em que o(s) nomeado(s) é/são evocado(s) diversas vezes nos documentos. Esse procedimento possibilita uma significativa diminuição no número de dados: foram 1.106 prenomes registrados, com 100 diferentes prenomes.

O segundo procedimento é a tabulação dos dados, que foi elaborada pelo Excel gerando uma tabela com os seguintes campos: a) prenome (nome como registrado na fonte), b) popularidade em Olindina, c) popularidade na Bahia, d) popularidade no Brasil, e) quantidade



ainda, de um recurso mais completo que permita fazer considerações sobre o que é ser um nome neológico no Brasil. Também no âmbito desse passo de consulta, foram registradas informações sobre a etimologia dos nomes, o que permite classificá-los quanto aos seus grupos linguísticos. Em casos de nomes duplos encontrados, foi preenchida a coluna de configuração.

Análise dos dados encontrados

Nesta seção, apresenta-se o quadro de análise dos dados, considerando os seguintes aspectos: (a) nomes mais frequentes no documento; (b) nomes mais populares no Brasil, na Bahia e em Olindina; (c) presença dos nomes nos dicionários de referência; (d) presença de nomes bíblicos; (e) nomes com etimologia conhecida; (f) classificação dos nomes em tradicionais ou inovadores.

A coleta de dados no Livro 1 rendeu um *corpus* com o total de 3.277 repetições de 1.106 nomeados com 100 diferentes prenomes. Desconsideradas as homônimas e as repetições, a centena de nomes resultante constituiu a nossa base de dados. Vale ressaltar que não se leva em consideração as variações gráficas encontradas (*José ~ Jozé*). Assim, os prenomes que apresentam número de repetições acima de 100 foram: *Maria* (1.046), *José* (839), *Josefa* (304), *João* (199), *Antonio* (132) e *Manoel* (114), respectivamente. Os demais prenomes mais frequentes foram: *Ana* (66), *Francisco* (52), *Joana* (48), *Raimunda* (46), *Francisca* (44), *Raimundo* (42), *Pedro* (41) e *Carlos* (21).

Após o levantamento da quantidade de repetições dos prenomes analisados, investiga-se a popularidade de cada prenome tanto em Olindina, lócus da pesquisa, quanto também na Bahia e no Brasil, através da plataforma Nomes do Brasil, do IBGE. Dos 100 prenomes analisados, apenas 18 se mostram populares em Olindina, quando comparados à Bahia e ao Brasil. A Tabela 1 apresenta os resultados encontrados.

Tabela 1- Relação de prenomes mais frequentes e populares

PRENOME	POPULARIDADE EM OLINDINA	POPULARIDADE NA BAHIA	POPULARIDADE NO BRASIL
Ana	6º	3º	3º
Antonio	5º	4º	5º
Carlos	10º	6º	7º
Francisca	48º	109º	16º
Francisco	26º	16º	6º
Joana	18º	66º	106º
Joao	4º	5º	4º



Jose	2º	2º	2º
Josefa	3º	27º	76º
Luiz	29º	17º	11º
Manoel	14º	9º	25º
Marcio	108º	58º	45º
Maria	1º	1º	1º
Pedro	7º	10º	9º
Raimunda	15º	95º	96º
Raimundo	13º	19º	22º
Tereza	173º	180º	140º
Terezinha	88º	158º	95º

Fonte: elaborada pelos autores.

Os dados da Tabela 1 mostram que os prenomes mais populares em Olindina são, em geral, os mesmos na Bahia e no Brasil, o que sugere que, na localidade, há a manutenção de uma nomeação tradicionalmente cristão e/ou de origem lusófona, incluindo todos os grupos que contribuíram para a gênese da língua portuguesa na Península Ibérica. Os prenomes *Maria, José, João, Antônio, Ana* e *Pedro*, de origens greco-latina e/ou hebraico-aramaica, foram os mais populares e confirmam esse aspecto, por meio também da diferença mínima de posição na escala de popularidade.

A consulta dos 100 prenomes do *corpus* nas diversas bases delimitadas pelo projeto *Novo Dicionário de Nomes em Uso no Brasil* aponta que apenas oito deles estão dicionarizados e constam também na Bíblia, sendo, portanto, nomes tradicionais, nos termos considerados pelo projeto maior. Sabe-se que há casos de nomes bíblicos que não constam nos dicionários. Da mesma forma, há nomes dicionarizados que não são bíblicos. Essas situações não estão contempladas nesses oito nomes, que são: *Adonias, Ana, Felipe, Joana, João, José, Maria* e *Pedro*. O Quadro 1 sistematiza o resultado dessa primeira consulta:

Quadro 1: Relação dos prenomes dicionarizados e bíblicos

PRENOME	MACHADO (1981)	NASCENTES (1952)	GUÉRIOS (1973)	BÍBLIA
Adonias	sim	sim	sim	sim
Ana	sim	sim	sim	sim
Felipe	sim	sim	sim	sim
Joana	sim	sim	sim	sim
João	sim	sim	sim	sim
José	sim	sim	sim	sim
Maria	sim	sim	sim	sim
Pedro	sim	sim	sim	sim

Fonte: elaborado pelos autores.



Os nomes bíblicos, em linhas gerais, são bastante documentados, o que torna muito provável o fato de esse tipo de nome estar registrado nos dicionários etimológicos. É bem improvável haver nomes bíblicos que não estejam em qualquer um dos dicionários, mas o contrário é bastante comum: nomes dicionarizados que não estejam na Bíblia. A próxima subseção explicita justamente essa categoria.

Com relação à quantidade de prenomes não atestados em nenhum dos três dicionários consultados, nem na Bíblia, dos 100 analisados, 38 não constam em nenhuma das obras consultadas. Não há uma diferença significativa entre a quantidade de nomes apenas dicionarizados (43) e esses 38 que não constam em nenhuma base. Se considerados aqueles oito que constam tanto na Bíblia quanto nos dicionários, chega-se a um índice de 51 dicionarizados contra 38 não dicionarizados, o que sugere uma antroponímia majoritariamente tradicional, mas com forte inclinação para a inovação. O Quadro 2 sintetiza essa parcela de nomes inovadores:

Quadro 2: Relação dos prenomes não dicionarizados

Acilene	Adnelson
Adailton	Adnilza
Adalicia	Adnolia
Adeladia	Adomacia
Adelcia	Adselma
Adelvanda	Agenario
Ademarildes	Agenilson
Ademario	Agilson
Ademilson	Aildo
Adenilda	Ailson
Adenildo	Ailton
Adenilton	Ala Cavou
Adenir	Aladias
Adervan	Aladimo
Adilson	Alael
Adilton	Jailton
Adilza	Jivalda
Adjanira	Marinalva
Admelson	Saciara

Fonte: elaborado pelos autores.

Desses nomes constantes no Quadro 2, cabe destacar a presença maciça de nomes com o formativo *Ad-*, que, segundo Rodrigues (2016), tem origem germânica e é responsável por uma vasta quantidade de neologismos antroponímicos no Brasil, aparecendo sempre na primeira posição da estrutura.



No tocante à etimologia, 62 do total de 100 prenomes analisados possuem etimologia conhecida, ainda que alguns desses prenomes apresentem etimologias confusas e incertas, como, por exemplo, *Tereza*, que, segundo Machado (1981), trata-se de um prenome de origem obscura. Do mesmo modo, Guérios (1973) comenta a origem do prenome *Antonio* dizendo tratar-se de um étimo de origem confusa. Desses 62 prenomes com etimologias verificadas, foi possível perceber quais grupos etimológicos se mostraram mais produtivos nos prenomes do Livro 1. Na Tabela 2, é possível notar que o grupo com maior número foi o grupo latino, com 16 prenomes, seguido do francês e do germânico, com 12 prenomes cada. Prenomes de origem grega e hebraica apresentaram menor quantidade de ocorrências, enquanto prenomes de outras origens, juntas, chegaram a 10 ocorrências.

Tabela 2: Grupos etimológicos dos prenomes

Grupo etimológico	Quantidade
Latino	16
Grego	3
Hebraico	5
Francês	12
Germânico	12
Outras	10

Fonte: elaborada pelos autores.

Com relação aos prenomes de etimologia desconhecida, apenas 34 dos prenomes analisados não possuem etimologias conhecidas. Alguns deles não figuram nos dados da plataforma *Nomes no Brasil*, do IBGE, como o prenome *Ala Cavou*.

Quadro 3: Nomes de etimologia desconhecida

Adailton	Ademilson	Adilson	Adnolia	Ailson
Adalicia	Ademir	Adilton	Adomacia	Ailton
Adeladia	Adenilda	Adilza	Adselma	Ala Cavou
Adelcia	Adenildo	Adjanira	Agenario	Aladias
Adelvanda	Adenilton	Admelson	Agenilson	Aladimo
Ademarildes	Adenir	Adnelson	Agilson	Alael
Ademario	Adervan	Adnilza	Aildo	

Fonte: elaborado pelos autores.

Do *corpus* analisado, 58 prenomes podem ser considerados tradicionais, pois constam em algum dos dicionários consultados, e/ou figuram entre os nomes em uso segundo os dados do site *Nomes no Brasil*, e/ou estão presentes na Bíblia. Essa classificação é explicada pela seção da metodologia.

**Quadro 4:** Nomes tradicionais

ABELARDO	ARMANDO
ACELINA	BELARMINO
ADAIR	CARLOS
ADALGISA	CLAUDINA
ADELAIDE	CONSTANCIO
ADELIA	CREMILDES
ADELINA	DORA
ADELINO	ELZA
ADELITA	ETELVINA
ADEMAR	FELIPE
ADERBAL	FRANCISCA
ADEVALDO	FRANCISCO
ADONIAS	GUILHERME
ADRIANO	JOANA
ADROALDO	JOAO
AFONSO	JOSE
AFRANIO	JOSEFA
AGAPITO	LUIZ
AGENOR	MANOEL
AGNALDO	MARCIO
AGOSTINHA	MARIA
AGOSTINHO	MARIANO
AGRIPINA	OSVALDO
ALADIM	PEDRO
ALAIDE	RAIMUNDA
ALBERTINA	RAIMUNDO
ANA	ROSANA
ANTONIA	TEREZA
ANTONIO	TEREZINHA

Fonte: elaborado pelo autor.

Mais uma vez, é necessário lembrar que estão sendo considerados inovadores os prenomes que não foram encontrados nos dicionários consultados, na Bíblia e que não constam como nomes em uso na plataforma Nomes no Brasil. Dito isso, no *corpus* analisado, foram encontrados 41 prenomes que podem ser considerados inovadores, pois não se encaixam nos requisitos dos prenomes tradicionais. O Quadro 5 apresenta a lista de prenomes inovadores:

Quadro 5: Nomes inovadores

Acilene	Adelvanda	Adenilton	Admelson	Agenilson	Aladimo
Adailton	Ademarildes	Adenir	Adnelson	Agilson	Alael
Adalicia	Ademario	Adervan	Adnilza	Aildo	Brasilina
Adeladia	Ademilson	Adilson	Adnolia	Ailson	Ivanilda



Adelcia	Ademir	Adilton	Adomacia	Ailton	Jailton
Adelsa	Adenilda	Adilza	Adselma	Ala Cavou	Saciara
Adelson	Adenildo	Adjanira	Agenario	Aladias	

Fonte: elaborado pelos autores.

No decorrer de toda esta seção, analisa-se um total de 100 prenomes do *corpus* total que compõem esta pesquisa, isto é, 1106 prenomes, cuja intenção foi compreender como o sistema de nomeação de pessoas em Olindina/BA se apresenta levando em consideração quais aspectos influenciaram mais o léxico antroponímico local. Assim, com base nas primeiras reflexões realizadas para a qualificação e comprovadas durante toda a pesquisa é possível notar que, a partir dos prenomes analisados, o sistema antroponímico de Olindina/BA segue um esquema mais tradicional na escolha dos nomes de pessoas, embora a diferença entre os prenomes tradicionais e inovadores tenha sido mínima, corroborando, assim, com a nossa hipótese inicial.

Da mesma maneira, nota-se que, dos prenomes analisados, a maioria consta nos dicionários consultados, apresentando, assim, etimologias e origens conhecidas, embora, como foi ressaltado anteriormente, alguns ainda apresentem origens incertas e/ou obscuras. Assim, conclui-se que muito ainda tem a ser descoberto e analisado sobre o léxico antroponímico da cidade de Olindina/BA e, sobre a Paróquia também, pois o escasso material que serve de fonte histórica da paróquia deixa lapsos que somente uma pesquisa que demande mais tempo pode conseguir realizar.

Conclusão

Com o estudo do léxico, é possível traçar caminhos, e, nesse sentido, compreender aspectos das mentalidades dos grupos humanos, em particular, do sistema linguístico. Nesse âmbito, refletir o léxico através da antroponímia é, sem dúvida, um meio para a reconstituição da memória identitária de um povo. Considerando, pois, os fatores socioculturais presentes na comunidade estudada, observa-se que o léxico antroponímico foi se tornando parte constitutiva da cultura, enquanto essa aparece também incluída nesse processo que se estabelece a partir das práticas denominativas. Desse modo, através dos antropônimos coletados, é possível compreender o comportamento do sistema antroponímico local e, como tal, investigar sobre os aspectos dos seus significados detectando, assim, possíveis características e motivações diversas.



Procura-se apresentar, neste trabalho, uma breve descrição da antroponímia. A principal pergunta de pesquisa feita foi sobre a tendência tradicional ou inovadora da antroponímia em uso em Olindina/BA, entre as décadas de 1960 e 1970. Com base nos resultados obtidos, através dos dados aqui analisados, nota-se que o sistema antroponímico de Olindina/BA, em uso no documento do século XX, seguia um esquema mais tradicional na escolha dos nomes de pessoas, embora a diferença entre os prenomes tradicionais e inovadores tenha se mostrado mínima. Dos prenomes analisados, a maioria consta nos dicionários consultados apresentando, assim, etimologias e origens conhecidas.

Espera-se então que este trabalho tenha contribuído um pouco para o conhecimento de algumas informações acerca da nomeação de Olindina/Bahia, no que tange ao período analisado, principalmente, no que diz respeito aos mecanismos utilizados para a empregabilidade de determinados prenomes, visto que a identificação nominal é uma forma de materializar e comprovar a existência de influências de outras culturas em um dado período da história. Destarte, compreender o processo embrionário desse grupo antroponímico se faz necessário e é, pois, um modo de contribuir para os estudos do léxico e da linguística histórica.

REFERÊNCIAS

- ABBADE, C. M. de S. O estudo do léxico. In: TEIXEIRA, M. da C. R.; QUEIROZ, R. de C. R. de; SANTOS, R. B. dos (Org.). **Diferentes perspectivas dos estudos filológicos**. Salvador: Quarteto, 2006. p. 213-225.
- AMARAL, E. T. R. Contribuições para uma tipologia de antropônimos do português brasileiro. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 55, n. 2, p. 63-82, 2011.
- AMARAL, E. T. R.; SEIDE, M. S. **Nomes próprios de pessoa: introdução à antroponímia brasileira**. São Paulo: Blucher, 2020.
- BATISTA, F. dos S. **Livro de batismo da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, Olindina/BA: um estudo antroponímico**. 2023. 70 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2023.
- BIDERMAN, M. T. C. **Teoria lingüística: teoria léxica e lingüística computacional**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CARVALHINHOS, P. de J.; ANTUNES, A. M. Princípios teóricos de Toponímia e Antroponímia: a questão do nome próprio. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, XI, 2007, Rio de Janeiro. **Anais**. Rio de Janeiro: Cifefil, 2007. v. XI, p. 108-121.
- DARGEL, A. P. T. P.; SOUSA, A. M. de. Onomástica: interdisciplinaridade e interfaces. **GTlex**, Uberlândia, v. 3, n. 1, jul/dez. 2017
- DICK, M. V. de P. do A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990a.



DICK, M. V. de P. do A. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**: coletânea de estudos. São Paulo: 1990b.

DUBOIS, Jean. *et al.* **Dicionário de Linguística**. São Paulo. Cultrix. 1973.

FRAI, P. H. Sócio-Onomástica: uma nova abordagem metodológica. **Entreletras**, Araguaína/TO, v. 7, n. 1, 2016.

GUÉRIOS, R. F. M. **Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes**. São Paulo: Ave Maria, 1973.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Nomes no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, c2016. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/nomes/#/search>. Acesso em: 22 jun 2024.

LOPES, M. dos S.; SOLEDADE, J. Antroponímia, história e cultura: os nomes próprios personativos em documentos paroquiais baianos do século XIX. In: SANTOS, E. S. dos; ALMEIDA, A. A. D.; SIMÕES NETO, N. A. (org.). **Olhares sobre o léxico**: perspectivas de estudo. Salvador: EdUNEB, 2018. p. 141-168.

MACHADO, J. P. **Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa**. 3 v. Lisboa: Horizonte/Confluência, 1981.

NASCENTES, A. **Dicionário etimológico da língua portuguesa** – Tomo II. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1952.

OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2 ed. Campo Grande: Ed. UFMT, 2001.

ORSI, V. Lexicologia: o que há por trás do estudo das palavras? In: GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. L. S. (org.). **Ciências da Linguagem**: o fazer científico? Campinas: Mercado de Letras, 2012, v. 1, p. 163-17.

RODRIGUES, L. S. **Neologismos antroponímicos com base na utilização de formativos germânicos no Brasil**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SEIDE, M. S. Toponomástica e Antroponomástica: paradigmas e métodos. **Confluência**, Rio de Janeiro, v. 44/45, p. 165-184, 2013.

SIMÕES NETO, N. A.; SOLEDADE, J. Nomes masculinos X-son na antroponímia brasileira: uma abordagem morfológica, histórica e construcional. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 1295-1350, 2018.

SOLEDADE, J.; SIMÕES NETO, N. A. Uma abordagem construcional da antroponímia brasileira em perspectiva histórica. In: BATISTA DE SOUZA, R.; BORGES, R.; ALMEIDA, I. S. de; SOUZA, D. de. (org.). **Filologia em diálogo**: descentramentos culturais e epistemológicos (Anais do IX Seminário de Estudos Filológicos). Salvador: Memória e Arte, 2020. p. 386-402.

SOLEDADE, J.; RODRIGUES, L. ; SIMÕES NETO, N. A. . A inovação antroponímica na Bahia dos séculos XIX, XX e XXI: uma interface entre Antroponomástica e Morfologia Histórica. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 15, p. 371-404, 2021.

SOLEDADE, J. Origens e estruturação do léxico antroponímico. **Macabéa – Revista eletrônica do NETLLI**, Crato, v. 8, n. 2, p. 411-452, 2019

SOLEDADE, J. VIEIRA, P. **Projeto Dicionário de Nomes do Brasil**. Brasília: 2017.



ULLMANN, S. Nomes próprios. *In* ULLMANN, S. **Semântica**: uma introdução à ciência do significado. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964. p. 148-165.

VASCONCELOS, J. L. de. **Antroponímia portuguesa**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1928.